

Os presidentes de futebol e a sua magia:

memória, identidade
e monumentalização no
Flamengo e no Fluminense

Football presidents and their magic:
memory, identity and monuments
in Flamengo and Fluminense

LUIZ GUILHERME BURLAMAQUI

Doutor em História Social pela USP.
Professor do Instituto Federal de Brasília.
luiz_burlamaqui@hotmail.com

RESUMO: Este artigo examina a trajetória de dois presidentes de clubes na cidade do Rio de Janeiro — Flamengo e Fluminense; Gilberto Cardoso e Arnaldo Guinle — que se tornaram verdadeiros ícones da memória coletiva dos seus respectivos clubes. Em ambos os casos, nas sedes sociais respectivas, foram construídas estátuas em homenagem a eles. Nesse sentido, os clubes de futebol operam como microcosmos do Estado-Nação. Nestes espaços, o papel da política e, sobretudo, dos presidentes é central. Os presidentes dos clubes de futebol apresentam-se como representantes dos clubes e dos seus torcedores e portam-se, na esfera pública, como responsáveis por emanar uma identidade coletiva. Que motivos levaram estes dois dirigentes a serem alçados a memória coletiva de cada clube? O que estes motivos nos dizem sobre a forma como o clubismo é estruturado como trama social e simbólica?

PALAVRAS-CHAVE: Memória Coletiva. Presidentes de Futebol. Representação.

ABSTRACT: This article examines the trajectory of two club presidents in the city of Rio de Janeiro — Flamengo and Fluminense; Gilberto Cardoso and Arnaldo Guinle — who have become true icons in the collective memory of their respective clubs. In both cases, at the respective headquarters, statues were built in honor of them. In this sense, football clubs operate as microcosms of the nation-state. In these spaces, the role of politics and, above all, of presidents is central. The presidents of football of both clubs present themselves as social embodiments of Flamengo and Fluminense. What reasons led these two presidents to raise themselves in the collective memory of each club?

KEYWORDS: Collective Memory. Football Chairmen. Representation.

Introdução ou os estilos de gestão

Na vida urbana, as equipes de futebol se prestam à “fabricação do singular a partir [de uma linguagem] universal” (BROMBERGER, 1995, p. 111): valores que se metamorfoseiam ao longo do espaço, do clube e do tempo. Numa síntese, especificamente sobre o futebol podemos dizer que ele não tem um valor imanente, mas sim um valor simbólico zero (GUEDES, 1977), em que se veicula um conjunto multifacetado de representações. Numa linha aberta pelo sociólogo francês Émile Durkheim e pelo antropólogo Marcel Mauss, defendemos haver uma constante circularidade entre as representações coletivas e as práticas sociais, já que a realidade é ela mesma socialmente construída a partir de um processo de seletividade no qual certas figuras, ícones e símbolos ganham relevo, enquanto outras são sublimadas. Neste artigo, trataremos essencialmente dos dirigentes de futebol que se transformaram em ícones da memória coletiva de cada clube. Como, neste particular, a *memória coletiva* sobre os clubes é produzida? Como se selecionam os monumentos de cada clube? Qual o papel das figuras políticas de cada clube nesse processo de monumentalização? Como explicar que determinadas figuras sejam cultuadas na memória torcedora enquanto outras são sublimadas, esquecidas?

Sendo assim, este artigo centra sua reflexão em duas estátuas de presidentes símbolos que se encontram nas sedes sociais dos clubes. Por qual razão elas se encontram ali? O que elas nos dizem sobre cada clube? No caso do Fluminense Futebol Clube, o busto de Arnaldo Guinle, o patrono tricolor, e, no caso do Clube de Regatas do Flamengo, a estátua de Gilberto Cardoso. Para usar terminação do historiador francês Pierre Nora (1995), podemos dizer que estas estátuas operam à semelhança dos “lugares de memória” (“lieux du memóire”), cuja finalidade é a de afirmar uma identidade do presente, uma marca da instituição, reafirmando a memória e os valores do grupo, marcando a estabilidade de laços em uma sociedade caracterizada pela aceleração do tempo. Contada e recontada, a história de Arnaldo Guinle busca valorizar os elementos do *fair play*, da sobriedade e organização tricolores, enquanto o “evento Gilberto Cardoso” rememora, sobretudo, o ideal da paixão rubro-negra, diferenciando clube a clube a partir das qualidades de seus presidentes.

Segundo uma indicação esquadinhada por Christian Bromberger (1995, pp. 77-79), a hipótese a ser defendida é a da existência de uma conexão semântica entre formas de gerir e as representações historicamente

construídas sobre os clubes. Aqui, o objetivo é entrecruzar o terreno do imaginário do clubismo à prática e ao engajamento dos dirigentes de futebol¹, tentando apreender a multiplicidade do que ele designou como estilos de direção (“style de gestion”):

Ao estilo de jogo sobre o gramado correspondem um estilo de gestão do clube e do torcer nas arquibancadas, que trazem embutidos a marca e o imaginário local [...] A popularidade dos dirigentes, se ela tem a ver com o sucesso da equipe, repousa igualmente sobre a capacidade que eles têm de encarnar a dimensão imaginária em que os torcedores [do Olympique] se reconhecem: a malícia, o gosto pela aventura turbulenta e pelo espetáculo, o senso de desafio, a dramatização enfática do evento. [...] Se Bernard Tapie, que dirigiu o clube entre 1986 e 1994, gozou de uma popularidade extraordinária, é sem dúvida porque ele promoveu o clube ao primeiro escalão europeu, mas também porque suas qualidades traziam à tona os estereótipos da localidade: uma linguagem viva, direta, endereçada fortemente aos presidentes dos outros clubes e aos homens da política. (BROMBERGER, 1995, pp. 130-131).

Na configuração dirigente, em primeiro plano, é preciso retribuir a fidelidade torcedora com títulos, pois o fato é que não há escolha além daquela entre o “vencer ou vencer”, segundo a tautologia de Francisco Horta, presidente do Fluminense de 1975 a 1977. Daí que os dirigentes carismáticos são, quase que necessariamente, os dirigentes que logram êxito. Ser vencedor é o primeiro ato mágico, fundamento, assumindo um caráter central para a análise dos dirigentes de futebol: somente aqueles vencedores é que serão dignos de culto e lembrados a longo e médio prazo. Embora crucial, o elemento do êxito deve ser relativizado. O êxito não é um valor absoluto: o sucesso em clubes de menor expressão não é exatamente idêntico ao sucesso no Flamengo ou no Fluminense. Mais que isso: acreditamos este não ser o principal definidor de uma relação de identidade e posterior monumentalização que é construída entre os torcedores e os dirigentes.

Na trilha do argumento de Christian Bromberger (1995), para que certos dirigentes sejam misturados à memória coletiva do grupo, é preciso, por meio das aparições públicas, incorporar na sua persona o clubismo: dar vazão ao que seja conceitual e praticamente o gremismo, o coloradismo, o flamenguismo etc. Por isso, os dirigentes vestem o que podemos chamar de máscaras sociais do clubismo, ao lançar mão de acessórios, objetos físicos,

imaginários e até mesmo animais que simbolizam seus clubes, na representação e nas práticas cotidianas, que, salvo exceção, sofrem a mediação do *ethos* de uma comunidade.

Neste sentido, será necessário pensar o clubismo como trama social e simbólica (DAMO, 2005)² produto e produtora de certas classificações sociais dos agentes no campo esportivo. Neste sentido, há uma espécie de circularidade entre os “estilos de direção” e as práticas dos torcedores (BROMBERGER, 1995).

Neste sistema, não devemos nos esquecer de que os presidentes são as pessoas morais do grupo porque eles representam as tradições etéreas da comunidade em carne e osso, a quem se delega fisicamente toda a crença etérea do clubismo, e, por isso, é preciso, como contrapartida, que eles honrem e retribuam os valores delegados a ele. Retribuir, em primeiro plano, significa fazer valerem as tradições e a história do grupo. Há muito tempo a bibliografia acadêmica vem notando que os clubes de futebol são comunidades imaginadas (ANDERSON, 2008), o que faz com que exista todo um processo de construção de certas “características elementares” atribuídas a cada clube. Este sistema de oposições e de afinidades não é, em nenhum sentido, um exercício de retórica intelectual. Dessa forma, os próprios presidentes compartilham este sistema de oposições, transitando por este código, com a absoluta noção de que os clubes só podem ser compreendidos na sua alteridade.³ No filme do cineasta Milton Alencar, que retrata a vida de Eurico Miranda, *A locomotiva*, Márcio Braga chegou mesmo a declarar: “O Flamengo é a antítese do Vasco, assim como eu sou a antítese do Eurico” (*A LOCOMOTIVA*, 2009). Nesse sentido, são os agentes que formulam, em termos nítidos, a diferença de teor e de qualidade entre os clubes. Francisco Horta definiu essa diferença como o “cheiro próprio”, atinente a cada clube:

A vida está lá toda representada. Um clube espelha, reflete a vida social, de modo que você lá tem uma gama enorme de aprendizado. E cada clube tem um cheiro próprio, é curioso. Fluminense tem um cheiro, Flamengo tem um cheiro diferente, Vasco tem um cheiro diferente, e assim o Botafogo. E assim os chamados pequenos clubes. Este conjunto de clubes representa a meu ver o segmento do país mais bem-sucedido, que é a área esportiva, basicamente o futebol. (HORTA, 2010).

Observamos anteriormente que essa conexão semântica — este “cheiro” — se retraduz do ponto do recrutamento em uma divisão de clas-

ses profissionais (que remete a uma divergência entre frações no interior da classe dominante) na diversidade ocupacional dos dirigentes relacionada ao sistema classificatório do clubismo: enquanto os presidentes do Vasco têm uma maioria absoluta de portugueses (ou filhos de portugueses, como é o caso do Eurico Miranda) e, na maior parte das vezes, comerciantes, os do Fluminense extraem seus sócios de uma nobreza togada (ROCHA, 2013, pp. 71-151). Os presidentes do Flamengo contam com uma ligeira predominância de comerciantes. Num sentido parecido com que é defendido, o antropólogo Matias Godio afirmou que embora não se possa afirmar estatisticamente que a maioria dos presidentes dos Estudiantes de La Plata seja composta por profissionais liberais, e a do Gimnasia y Esgrima seja de empresários (ou que pelo menos a estatística não seja tão forte quanto o imaginário), o imaginário torcedor torna essa representação “verossímil”, justamente porque “são os valores veiculados pelas profissões aqueles que determinam a eficácia simbólica para os integrantes de um grupo.” (GODIO, 2010, p. 240).

Do imaginário aos monumentos do clubismo

Não pode haver diáde perfeita capaz de sintetizar melhor a oposição entre o Flamengo e o Fluminense do que aquela que remete ao local em que as estátuas dos principais presidentes da história do clube, a de Gilberto Cardoso e a de Arnaldo Guinle, estão colocadas. A própria maneira de construí-las constitui uma oposição: se a estátua de Gilberto Cardoso foi mesmo elaborada com o dinheiro recolhido de torcedores que se organizaram e lançaram os Selos *Gilberto Cardoso* após a conquista do tricampeonato de 1955, o busto de Arnaldo Guinle, por sua vez, construído em 1920, foi uma dádiva dos sócios ilustres ao eterno “patrônio tricolor” pela realização das obras do estádio de Laranjeiras. Enquanto o busto da cabeça-Guinle reside solitário e mal-humorado, sem corpo, sendo visto exclusivamente pelos que entram no interior do clube, Gilberto Cardoso está representado de corpo inteiro do lado de fora, o exterior do clube, saudando e brindando com o sorriso a qualquer um que atravesse a rua homônima.

Esta oposição primeira entre o exterior e o interior sobrepõe-se, evidentemente, àquela consagrada na ciência social brasileira entre a morada (a casa) e a rua. Não à toa, a forma de contar e recontar a história do Flamengo, sem dúvida idílica e imaginária, mas não por isso menos importante e menos representativa, supõe que, desde a fundação, houvesse uma interação cons-

tante entre os jogadores e o público. Neste sentido, o jornalista Mário Filho escreveria que, na sua fundação como time de futebol, o Flamengo, por não ter campo próprio, acabava jogando no campo de pelada, o que fazia com que os meninos e as crianças do local vissem de perto os jogadores que admiravam. Na pena do cronista Mário Filho, a contínua interação entre o público das ruas e os jogadores era uma das causas da popularidade precoce do clube:

O Flamengo, sem campo, não querendo pedir campo emprestado ao Fluminense, tendo de ir treinar no Russel. Havia um gramado no Russel, o mesmo de hoje, onde os garotos formavam times, jogavam futebol. Arranjado pela Prefeitura para isso mesmo, para ver se os garotos deixavam de jogar no meio da rua. Garotos e marmanjos. O Flamengo treinava lá. Era pertinho. Os jogadores saíam uniformizados: Praia do Flamengo abaixo, para a Glória, para o Russel. As travas das chuteiras rangendo na calçada, o barulho da bola batendo no chão, o time do Flamengo ia treinar, garotos de família, passavam a notícia de boca em boca. Quando os jogadores do Flamengo chegavam no Russel já encontravam gente esperando por eles. Com um pouco, o campo estava cheio. De gandulas. A bola ia fora. Era uma correria. Dez, vinte garotos querendo pegar a bola primeiro. (FILHO, 2003, p. 57).

Na construção do imaginário rubro-negro por Mário Filho, a rua prefigura um sentido de liberdade, no lugar em que classes sociais e grupos étnicos convivem com relativa harmonia — os meninos da Rua do Russel e os “rapazes de Medicina”. Como observou Roberto DaMatta, “a rua e também a casa são categorias sociológicas para os brasileiros [...] não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade” (DAMATTA, 1997, p. 15). Em antítese, o Fluminense Futebol Clube, embora fosse vitorioso dentro de campo, como clube social fechava-se cada vez mais para si em meio do processo de espetacularização do futebol, tornando-se seletivo e reservado.

Essa oposição inicial entre a casa e a rua, entre a seletividade e a abertura, são apenas as duas primeiras de um sistema de oposições. Nesse sentido, é possível perceber como a oposição entre o Flamengo e o Fluminense vai se desenhando na dualidade das trajetórias entre Gilberto Cardoso e Arnaldo Guinle: o contraste entre a embriaguez rubro-negra e a sobriedade tricolor, entre aquele que é incapaz de se distinguir do jogo, absorvido pela

paixão desmesurada, a tal ponto que a sua própria vida é drenada, e aquele que mantém o olhar sempre “distanciado”, sem nunca esquecer que o jogo é só um jogo, mantendo-se fiel à ideologia do *fair play*. Aqui, este sistema binário começaria a ser desenhado no próprio tempo em que cada um ficou à frente do cargo: Gilberto foi presidente durante dois mandatos, não chegando mesmo a concluir o segundo; Arnaldo Guinle permaneceu mais de quinze anos (em períodos intermitentes dos anos 10 aos 40) à frente da agremiação das Laranjeiras.

Estes “estilos de direção” díspares se retraduzem nas diferenças de doação, já que cada um, à sua própria maneira, oferece ao clube coisas distintas. O mecenato de Arnaldo Guinle faz-se avolumar sob a forma da riqueza bruta, da sede palaciana, da piscina e do estádio moderno; Gilberto Cardoso, que nada disso tem, dá, como interpretariam os cronistas, a própria vida ao clube, o seu corpo, em uma espécie de suicídio de amor, como chegou mesmo a ser poetizado por Mário Filho.

Quando se elege cada um para ser o ícone do clube-nação, o fazem no bojo de uma “política da memória” envolvendo duas modalidades antagonicas da construção da história de cada instituição, construindo, simultaneamente, identidades e alteridades. No sentido aplicado pelo antropólogo Clifford Geertz, Arnaldo Guinle e Gilberto Cardoso constituem modelos de e modelos para o que se espera de um dirigente tricolor e de um “cartola” rubro-negro.

Que os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo — o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos — e sua visão de mundo [...]. Os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro. [...] Os símbolos concretos envolvidos — qualquer figura mitológica que se materializa na selva, o crânio do falecido chefe da casa severamente pendurado nos caibros ou uma voz do silêncio imaterial, entoando silenciosamente uma poesia clássica enigmática — apontam em qualquer uma das direções. Ambos expressam o clima do mundo e o modelam. (GEERTZ, 1978, pp. 105-109).

De antemão, é preciso advertir ao leitor que, se abundam informações sobre a trajetória de Gilberto Cardoso, principalmente pelo fato de

que o que importa aqui é mais o ciclo de dádivas engendrado por ocasião de sua morte trágica, escasseiam os dados sobre a vida de Arnaldo Guinle e de sua atuação junto ao Fluminense Futebol Clube. Se, por conseguinte, obtive muitas informações de Gilberto Cardoso em pesquisa “direta” com o Jornal dos Sports à época de sua morte, as de Arnaldo Guinle, sobre a sua família, foram obtidas via fontes secundárias através de um conjunto (não muito significativo) de teses e de dissertações (FERNÁNDEZ, 2011; MALAIA, 2010; SANGLARD, 2008; NEEDELL, 1993), e também livros, que, na falta de um termo apropriado, designaremos simplesmente como “memorialísticos” (CORREA, 1933; FILHO, 2003). A partir de agora, analisaremos as trajetórias em separado para apreendê-las na sua oposição.

Gilberto Cardoso, o suicídio de amor

Além do cântico em homenagem ao América Futebol Clube, o único hino do clube-nação que rememora a ideia de morte é o hino do Clube de Regatas do Flamengo. Destarte, escrevendo sobre a relação entre o conceito de pertencimento clubístico e o romantismo, Arlei Damo (2005, p. 85) chegou a dizer que “o que aproxima um e outro é o prazer da entrega, de dar-se por inteiro, sem restrições, de dar-se à morte, de morrer de amor, ou de tuberculose, como diria Álvares de Azevedo”. Nessa estética torcedora, nada é tão emocionante, escreveu ainda o antropólogo catarinense, quanto “o suor [a] escorrer pelo sangue do rosto dos atletas, pois isso é tão tocante quanto ver o soldado derramar o sangue por uma causa coletiva” (DAMO, 2005, p. 83).

O “prazer da entrega” é manifestado nos acontecimentos que se seguiram à morte de Gilberto Cardoso. Segundo a interpretação da crônica, Gilberto Cardoso foi o mártir rubro-negro, aquele que, em um sentido literal e nada metafórico, cumpriria o que estava escrito no hino do clube. Eternamente lembrado como síntese do rubro-negrismo, a figura de Gilberto Cardoso adquiriu o estatuto do tipo ideal de presidente e rubro-negro. Encenado no teatro do clubismo, o drama do evento da morte física de Gilberto Cardoso é convertido numa espécie de mito a-histórico que irá compor o panteão rubro-negro. Para compreender por qual razão Gilberto Cardoso é alçado à condição divina, é preciso antes de tudo proceder a um esforço de reconstituição do curso dos acontecimentos que antecederam a sua morte e os que se seguiram a ela, fundamentais para compreensão do processo de conversão do indivíduo em ser mítico.

Em 1952, quando Gilberto Cardoso assumiu a presidência, o Flamengo se encontrava numa crise política turbulenta. A crise de resultados se transformava num longo jejum de títulos no futebol profissional, que se estendia desde o tricampeonato de 1944, com o cotidiano do clube assolado por episódios de conflito: os principais foram a “queima” da camisa de Jair Rosa Pinto após uma derrota acachapante contra o Vasco da Gama por 5 a 2 (depois de estar vencendo por 2 a 0), além da conturbada saída do Mestre Zizinho para o Bangu. Penando contra o drama de resultados, um conjunto de rubro-negros ilustres decidiu se reunir para lançar um candidato à presidência do clube, tentando promover uma guinada no clube da Gávea. Autobatizado “Dragão Negro”, faziam parte deste grupo nomes de peso como Ary Barroso, Moreira Leite, José Lins do Rego etc., que se reuniam semanalmente na famosa Confeitaria Colombo do Rio de Janeiro. Em algum momento, perto do final de 1951, a confraria decidira que o médico de Campos dos Goytacazes, Gilberto Cardoso, seria escolhido o candidato do grupo.

Sendo sustentado pelo círculo de notáveis, a vitória de Gilberto Cardoso pretendia ser o começo de uma nova era na agremiação rubro-negra. Arquitetada por Cardoso, a escolha do técnico Fleitas Solich, “o Feiticeiro Paraguaio”, para o comando da direção técnica do futebol, era a pedra de toque das transformações que o cartola pretendia impor ao clube. No seu segundo ano, em 1953, o Flamengo conquistaria o seu primeiro título da era Maracanã, quebrando a sequência de nove anos sem títulos — a segunda maior da sua história — que começava a incomodar a fanática torcida. Todavia, o talento em campo não pode deixar de contar com o auxílio da dádiva divina: o Padre Góis, da Igreja de São Judas Tadeu, prometeu, ainda em 1953, o título estadual ao Flamengo. A aliança sagrada entre o presidente e o padre não poderia ter tido uma eficácia simbólica maior e, já em 1954, com novas promessas, o Flamengo assegurara o bicampeonato, enquanto as expectativas sobre o tri só faziam se ampliar. Como diria Dário de Mello Pinto, único presidente tricampeão até então, a utopia de Gilberto Cardoso era sagrar-se tricampeão, igualando-se a ele, sendo àquela altura um dos máximos prêmios a que ele podia aspirar. Às vésperas da partida decisiva que colocaria frente a frente Flamengo e América, a crônica da cidade saudava o “natalício do presidente”, fazendo luz a sua fortuna. “Não se pode”, escrevia o periodista, “separar o nome de Gilberto Cardoso do grande momento que o Flamengo atravessa, da grandiosidade da sua obra que o aniversariante de hoje executa à frente de uma equipe que parece contaminar-se com o entusiasmo do seu presidente” (JORNAL DOS SPORTS, 1955).

As expectativas simbólicas e afetivas do presidente Gilberto Cardoso ante o cargo são difíceis de penetrar, pois rareavam, até meados dos setenta, as entrevistas e os perfis biográficos dos dirigentes na crônica. Porém, proferido numa ocasião cerimonial e reproduzido no Jornal dos Sports, o discurso de Gilberto Cardoso no aniversário de sessenta anos do Flamengo constitui raro fragmento de visão de mundo. Nele, o caráter místico do cargo é realçado, quando Gilberto afirma que o poder recebido é uma espécie de dá-diva, uma “mercê” legada pela “Providência divina”. Neste sentido, acredito valer a pena reproduzir um trecho do discurso de Gilberto:

Flamengos: No dia de hoje que assinala o nosso sexagésimo aniversário de fundação de uma trajetória que se iniciou iluminada pela fé de alguns poucos e que se consolidou pelo trabalho de muitos. [...] Valendo-me das circunstâncias em que a Providência divina me fez tão grande mercê exercer a presidência do nosso clube, quero por meio desta dirigir-me a todos vós, de todas as condições, e de todos os pedaços da terra brasileira. Que as carinhosas evocações desta data sirvam, pois, para reforçar os elevados compromissos que nos ligam e nos relatam os deveres que o futuro nos reserva a fim de mantermos a fidelidade ao passado que nos orgulha. (CARDOSO, 1955).

Essa “mercê” recebida e evocada por Gilberto Cardoso fez com que ele, de forma incessante, tivesse a obrigatoriedade de retribuir aos flamengos, que lhe concederam este direito. É preciso também retribuir esta mercê, que é a fonte de autoridade e de prestígio, com vitórias, conquistas e títulos obtidos pelo time que representa o clube-nação. É preciso ressaltar que arquitetar uma equipe vencedora é condição *sine qua non* para galvanizar o prestígio de qualquer presidente, de tal forma que ele consiga fazer mover o circuito das dádivas, retribuindo os privilégios com vitórias. No moinho de prestígio de Gilberto Cardoso, as vitórias vieram às dezenas — no vôlei, basquete e no futebol etc. —, o Flamengo viveu um dos períodos áureos de sua história, o que só fazia aumentar a idolatria da torcedora com o presidente. No basquete, sobretudo, a presença do técnico Togo Soares, o popular Kanela, e do lendário pivô Algodão, abriram o espaço para a construção de uma longa hegemonia na cidade do Rio de Janeiro que culminaria com o famoso decacampeonato. A ordem de investimentos simbólicos, afetivos e econômicos naquele time de basquete era de tal grandeza que foi exatamente numa partida deste esporte que Gilberto Cardoso viria a sofrer um ataque cardíaco,

falecendo súbita e inesperadamente aos 49 anos de idade. No final de uma partida disputada no Ginásio do Maracanãzinho, o Flamengo venceu o Sírio Libanês de São Paulo, com uma cesta no derradeiro minuto, decidindo a partida por um ponto a favor dos rubro-negros. A emoção da vitória foi tanta que o presidente Gilberto Cardoso sofreu um ataque cardíaco quase fulminante, falecendo pouco tempo depois de se automedicar, no Estacionamento do Hospital Miguel Couto.

Ora, a morte de Gilberto Cardoso, que teria tido um sentido banal não fosse a estrutura do clubismo, adquiriu na pena da crônica e na imagem dos torcedores sentido simbólico de sacrifício: excluído dali, o infarto de um homem de meia-idade, muito estressado com a vida de médico e a de presidente do Flamengo, ligeiramente acima do peso, teria sido um acontecimento banal, dir-se-ia irrelevante. No teatro estrutural do clubismo, os episódios fizeram com que, de forma muito rápida, a morte de Gilberto Cardoso fosse convertida em um evento dotado de “significância histórica” (SAHLINS, 2003, p. 15). Desta feita, o fato de que o desenrolar da morte tenha ocorrido no Ginásio do Maracanãzinho pouco antes do apito final do jogo: “nem todos os momentos do dia ou do ano são igualmente propícios ao sacrifício e há mesmo alguns que os excluem [...] o próprio local de cena deve ser sagrado” (HUBERT; MAUSS, 2003, pp. 31-32). Essa morte sacrificial fez com que Gilberto sofresse o que os etnólogos designaram como “sacrifício de sacralização”, de forma que ela tenha simbolizado uma passagem da esfera do profano ao plano de sacralidade.

Neste “sacrifício de sacralização”, nem mesmo o aparente casuísmo de uma morte de um ataque de coração me parece completamente destituído de simbolismo. Discutindo com o poeta Ribeiro Couto, o sociólogo Sérgio Buarque de Holanda problematizaria a ideia de “homem cordial” como traço diacrítico da cultura brasílica, em que os sentimentos e as paixões saem com certa facilidade da esfera do privado, invadindo a arena pública, em que o moinho das ações individuais está muito mais no coração do que no cérebro. No “coração do presidente” se construía o enlace social entre o líder e os seus súditos.

Em diversas sociedades, a morte do chefe suscita o caos. Com isso, basta pensarmos nos atos de comoção, dor e angústia que se seguiram às mortes dramáticas dos líderes em exercício Tancredo Neves e de Getúlio Vargas, “pois [é no líder que] reside toda a personalidade do social [...] a morte do rei anuncia a iminência do caos” (RODRIGUES, 1998, p. 59). Não deve ser surpresa, portanto, que o funeral que se seguiu à morte de Gilberto

Cardoso tenha marcado, por um bom tempo, a memória e o imaginário da cidade do Rio de Janeiro. Dezenas de fiéis rubro-negros compareceriam para se despedir do presidente. Já no funeral, portanto, é que começariam as retribuições do clube que se imaginou para sempre em dívida com seu presidente. Diante da presença física de Gilberto Cardoso, que rumou para o Morro da Viúva antes de ir para o cemitério São João Batista, a presença maciça de dirigentes fez com que, num ato de consagração simbólica, o conselho deliberativo tenha-o escolhido, em homenagem *post mortem*, sócio benemerito do clube.

As homenagens a Gilberto Cardoso que se seguiram à morte não eram apenas do alto escalonamento rubro-negro: milhares de torcedores confecionariam “coroas de flores” depositando-as em seu túmulo. Entre lágrimas e rezas, o padre Góis mal conseguiu terminar de rezar a missa daquele que, por tanto tempo, fora seu companheiro de promessas e de triunfos. Na verdade, esse era o ciclo de retribuição engendrado pela doação da vida: “àquele que deu a vida ao Flamengo em sacrifício”, ampliado através do discurso da imprensa esportiva, isso porque ninguém menos do que o jornalista Mário Filho, tempos depois, chegou, num exercício de poesia, a negar o caráter voluntário da morte de Gilberto Cardoso, ressaltando aspectos deliberados, intencionais, sacrificiais e mesmo suicidas do ato.

Dessa forma, não custa lembrar que Marcel Mauss observou um caso muito particular na instituição do *potlatch* nas sociedades célticas em que o “suicídio” adquire uma dimensão ritualística, a “suprema contraprestação”, ato exercido, exclusivamente, por “nobres e soldados”, em que o herói, a futura vítima, depois de receber um conjunto de presentes e de redistribuí-los aos amigos e aos familiares próximos, “a quem ama tanto que se sacrifica por eles”, suicida-se em frente a uma plateia de nobres e de guerreiros. Sem ter como retribuir com usura as dádivas aceitas, o herói “morre da morte do bravo”, entregando a própria vida aos que entregaram presentes, subtraindo, através da morte, à desonra e à contraprestação que deveria impingir não fosse o ato sacrificial. Assim, “sacrifica-se com glória para si e proveito para os seus” (MAUSS, 2003, p. 269).

No livro *Histórias do Flamengo*, Mário Filho compararia a morte de Gilberto Cardoso a um suicídio de amor:

Imagina-se, noutro clube, Gilberto Cardoso? Estaria vivo até hoje, mas não teria vivido mais intensamente do que qualquer amante aquela lua de mel furiosa de dia e de noite com o Flamengo. Entregaram-lhe

o Flamengo para que o amasse à vontade. E Gilberto Cardoso amou o Flamengo, minuto a minuto, sabendo que aquele amor o ia consumir, como uma chama, sem parar. [...] Não faltava a um só match, a uma só prova do Flamengo. E vibrava tanto num gol como numa cortada ou numa cesta. Ou numa chegada de remo ou de atletismo, a quilha de um out-rigger cruzando a meta, o peito de um atleta cortando o cordão de lã. Era grato, de uma gratidão enterneida, por todos que lutaram pelo Flamengo, alegria ou de prazer, pois era prazer mesmo que recebera, como uma dádiva. [...] Daí a Guanabara, aos institutos em busca de um emprego público para um atleta. Era como um romeiro visitando Igrejas. Ou subindo as escadas da Penha. Tornara-se médico da família, o velho médico desaparecido de quem vestia a causa rubro-negra. Não cobrava nada, poderiam chamá-lo a qualquer hora, ia mesmo sem ser chamado para ver como estava passando o doente e levar-lhe remédios. Por isso, teve que abandonar o consultório, onde não era encontrado nunca a não ser quando alguém do Flamengo lhe pedia a consulta. Só atendia a atletas ou parentes de atletas. Era preciso um caso especialíssimo de amigo ou de cliente antigo para abrir exceção. Vivia exclusivamente para o Flamengo. Ou de Flamengo para ser mais exato. [...] Sabia que o coração não ia aguentar. De certo modo, suicidava-se conscientemente de olhos abertos pelo Flamengo. Quem poderia impedir este suicídio de amor? (FILHO, 1967, pp. 64-65).

Chama a atenção a homologia, talvez óbvia e podemos imaginar que ela tenha sido ela mesma forçada pelo cronista, com o caso do presidente Getúlio Vargas que, acuado com a oposição udenista, declarou entregar a vida em sacrifício à nação. O fato é que a morte de Gilberto Cardoso se deu pouco menos de um ano após a morte do presidente do Brasil, fazendo com que, ainda que num nível inconsciente, se sobrepusesse a imagem do clube rubro-negro à da nação brasileira (HOLLANDA, 2004).

Por outro lado, acredito que o acontecimento só se converte em evento dotado de sentido mítico (SAHLINS, 2003, p. 15) quando o time rubro-negro assegura o tricampeonato estadual (1953-1954-1955). As vitórias em campo são o elemento necessário para alçar o presidente à sagrada. Dessa forma, quando o Flamengo triunfar sobre a equipe do América por empolgantes quatro a um, o nome de Gilberto será recordado em toda a cidade do Rio de Janeiro uma vez mais pelos torcedores, jogadores e crônica. Só aí então o Flamengo se verá livre de uma “dívida de gratidão” com o seu

presidente devoto. É justamente a vitória no tricampeonato que faz com que a morte de Gilberto Cardoso adquira a feição de um evento, interpretado e lido pelos agentes, segundo estruturas preconcebidas. No sentido de Claude Lévi-Strauss (2008), a história se converte em um mito, isto é, em um “esquema simbólico dotado de eficácia permanente” utilizado para interpretar o passado e ler o mundo — um evento, que é capaz de dramatizar e resolver uma contradição —, com o êxito no tricampeonato, o que dá um desfecho à história, dando a ela contornos de início, meio e fim.

Depois da vitória, espalhava-se que diversos torcedores rubro-negros haviam pulado o muro do cemitério São João Batista para comemorar, acender velas ao chefe falecido e celebrar com ele o tricampeonato. No Jornal dos Sports, a manchete do dia seguinte estampava em letras garrafais, chamando a atenção para a declaração do ponta-esquerda Mário Jorge Zagalo: “Saldamos uma dívida com Gilberto Cardoso”. Responsável por ter sido o presidente do primeiro tricampeonato, num comentário que mostra a imbricação entre a lógica da aliança e as disputas agonísticas, próprias às relações de tipo dadivoso, Dário de Melo Pinto era outro que mal podia segurar a emoção: “Eu dizia ao Gilberto Cardoso, um dia você vai empatar comigo. E aí está o tricampeonato”. Então presidente rubro-negro, o sucessor de Gilberto Cardoso, José Alves de Moraes, mal conseguia esconder a emoção após o término da partida: “Era o grande sonho de Gilberto Cardoso. Graças a Deus consegui cumprir aquilo que jurei sobre o seu corpo ainda quente”.

A promessa de José Alves de Moraes seria definitivamente paga no dia seguinte ao título, depois de ter visitado a Igreja de São Judas Tadeu com outros dirigentes e torcedores rubro-negros, no túmulo do “presidente morto”. Nele, Alves de Moraes, que a reportagem chama de “o presidente vivo”, depositaria o troféu do tricampeonato citadino junto à lápide daquele que foi “o artífice supremo” da conquista. No fim, “com humildade tocante”, Alves de Moraes agradeceu “a Deus por lhe ter permitido a ventura de materializar o sonho de Gilberto Cardoso”. As homenagens pareceram demasiado insuficientes para retribuir todo o sacrifício, a dádiva do corpo que o dirigente rubro-negro havia concedido ao Flamengo: a solução foi fazer uma “vaquinha” sob a forma de uma estátua à frente da sede social rubro-negra. Pouco tempo depois, também a rua que dá acesso ao estádio da Gávea e à sede social do clube seria batizada de “Gilberto Cardoso”; esta, por sua vez, inclusive, faz esquina com a Rua Fadel Fadel, outro importante dirigente do Flamengo e braço direito de Gilberto Cardoso. Também o leito de morte de Gilberto ficaria eternizado com o seu nome — o estádio do Maracanãzinho viria a

ganhar o nome de “Estádio Gilberto Cardoso”. É neste contexto de espiral de retribuições que um grupo de torcedores organizaria uma rifa para começar a vender os “Selos Gilberto Cardoso”, cujo intuito seria tão somente o de arrecadar dinheiro para consecução “de um monumento àquele que morreu de amor pelo Flamengo”.

No correr do século XX, a figura de Gilberto Cardoso se converteu em símbolo do que seja o rubro-negro, tanto por torcidas quanto, e muito especialmente, por dirigentes. Ele representava o ideal da paixão desbragada marcado como um sentimento intenso, excessivo e que toma o corpo quase como uma febre embriagante, que marca a especificidade do caso rubro-negro. Se voltarmos ao trecho citado do cronista Mário Filho (1967), veremos que “noutro clube, Gilberto estaria vivo até hoje, mas não teria vivido tão intensamente”. Não à toa, o próprio cronista intitularia a crônica do dia seguinte à morte de Gilberto de forma a não deixar dúvida: “ele era o Flamengo”. Se o modelo de presidente rubro-negro é aquele que se dá excessivamente ao clube, os presidentes tricolores são notabilizados pela sobriedade e pela capacidade de se manter impassível à dinâmica do jogo.

Arnaldo Guinle, o patrono tricolor

Nas últimas décadas do século XIX, os imigrantes franceses e amigos Cândido Gaffrée e Eduardo Guinle venceriam as rodadas de disputas pela concessão estatal para gerenciamento do porto da cidade de Santos, criando a famosa companhia Docas de Santos. Com a expansão do café para o Oeste Paulista, aliada ao crescimento vertiginoso da cidade de São Paulo, o porto de Santos passa então a despontar como principal local de importação e de exportação de produtos do país. Não muito tempo depois, o empresário francês Cândido Gaffrée faleceria prematuramente, e, sem filhos ou herdeiros imediatos, a sua fortuna fora entregue em testamento ao amigo Eduardo Guinle e à sua esposa, Dona Guilhermina Guinle. Com essa doação do amigo, a família Guinle se converteria rapidamente em sinônimo de riqueza, prestígio e poder. Segundo o brasiliense Jeffrey Needell, a família Guinle fazia parte de grupos ascendentes em prestígio e poder, “homens novos” que enriqueceram no alvorecer do século XX:

Estes homens novos não dispunham de riqueza e de famílias tradicionais, nem contatos, posições políticas ou atividades urbanas. Eles entra-

ram, no entanto, por motivos bastante tradicionais: dinheiro novo, ganho no final do Império e no início da República. Talvez, os mais famosos entre estes “novos ricos” fossem os Guinle, famosos pelo charme pessoal e pelo estilo de vida cultivado à custa de uma fabulosa fortuna, produto da circunstância específica da época. (NEEDELL, 1993, pp. 124-125).

Na capital federal, no início do século XX, a segunda geração dos Guinle seria conhecida por ter a capacidade quase única de desfrutar das riquezas paternas. Assim, os descendentes diretos de Eduardo e Guilhermina passariam a ser sinônimo do que seja um estilo de vida refinado e moderno, condizente às modas europeias, parecendo sintetizar o espírito daquele tempo que o brasiliânia definira com rara maestria: a Belle Époque Tropical. A começar pela vestimenta, sempre importada das melhores casas de Paris, a sobrecasaca e a cartola que nunca saía do corpo em plena canícula tropical, os Guinle chamavam atenção pela capacidade de copiar o que havia de melhor, sempre seguindo os padrões europeus. No âmbito arquitetônico, os irmãos Guinle estiveram envolvidos na construção de uma série de palacetes na cidade do Rio de Janeiro, que rapidamente se converteram em “paradigmas do luxo na República Velha” (SANGLARD, 2008)⁴. Alguns contemporâneos acreditavam que nem mesmo os palacetes de Buenos Aires, considerada à época uma espécie de Paris Tropical, modelo de civilidade e civilização que deveria inspirar o Rio de Janeiro, podiam rivalizar com os do Guinle. Preocupados não apenas com a aparência externa, mas, sobretudo, com o interior da morada, os irmãos Guinle levariam ao extremo uma moda muito comum entre as camadas abastadas do Rio de Janeiro daquele tempo: o gosto pelo colecionismo. A riqueza e a variedade das obras de arte da coleção Guinle impressionava a todos os que podiam entrar nas suntuosas moradas, tanto assim que boa parte dessa coleção compõe hoje o que é o acervo Museu da Chácara do Céu, em Santa Teresa.

Tendo como pano de fundo a ideologia do civismo e o desejo de servir à nação moderna, é na atuação de mecenato, contudo, que a família Guinle começava a despontar como a principal financiadora da “cultura nacional”. Sob a rubrica da generosidade e do desinteresse, os Guinle financiaram diversos projetos capazes de coligar classes sociais completamente antagônicas. Gisele Sanglard (2008) mostrou o papel do irmão mais velho Guilherme na consolidação e criação da Fundação Oswaldo Cruz e da ajuda a diversos cientistas da área médica e da saúde, financiando as pesquisas de Carlos Chagas, por exemplo.

Por sua vez, Arnaldo Guinle foi capaz de estender o mecenato também ao financiamento de formas artísticas situadas para além do domínio exclusivamente erudito: é sabido que a famosa excursão dos Oito Batutas a Paris contaria com o financiamento econômico do mecenato, a tal ponto que o sambista Donga declarou numa entrevista ao Museu da Imagem e do Som que: “Não fosse o Dr. Arnaldo Guinle não haveria os Oito Batutas”. Arnaldo Guinle também esteve engajado na fundação das chamadas associações e/ou sociedades recreativas à inglesa. Além do Fluminense Futebol Clube, ele viria a presidir o Iate Clube do Rio de Janeiro e seria um dos membros mais assíduos do Automóvel Clube do Rio de Janeiro. Acumulando a função de presidente do Fluminense e do Iate Clube, não foram mesmo poucas vezes em que Arnaldo Guinle tentaria fundir as agremiações de terra e de mar numa só. Ele não seria o único dos Guinle a presidir o Fluminense Futebol Clube: seus irmãos, Eduardo e Guilherme, foram presidentes no início dos anos 1910, por um curto período, sem ter o mesmo destaque do “patrônio tricolor”.

FIGURA 1: Estátua de Gilberto Cardoso.



Fonte: Acervo do autor.

FIGURA 2: Abaixo do busto de Arnaldo Guinle, a legenda: “Patrono do Fluminense F. C.”.



Fonte: Acervo do autor.

No Fluminense Futebol Clube, Arnaldo Guinle, sócio de número quarenta e oito, presidiu o clube por quase quinze anos consecutivos. Para João Henrique Malaia (2010, p. 128)⁵, ele teria sido “primeiro empresário” da indústria esportiva, justamente porque se pôs a investir na construção de um estádio, aumentando, substancialmente, as formas de receita do Fluminense Futebol Clube; já que, ocupando postos estratégicos, confundia, muitas vezes, os interesses de seu clube e os da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Guinle conseguiu trazer importantes recursos estatais para financiamento de obras que levaram à melhoria de um clube privado. Sob a sua batuta, o Fluminense, além do referido estádio das Laranjeiras, construiria a primeira piscina em um clube de futebol, um ginásio, um estande de tiro, um estádio de tênis com seis quadras, uma nova sede com instalações elétricas. Já em 1920, quando era prematuramente celebrado o “patrono do clube” graças aos esforços na construção da sede e do estádio, a Revista *O Tricolor* o saudava como:

O melhor elemento na vida do *sport* brasileiro [...] realiza o seu brilhante programa com segurança, com equilíbrio moral e democrático — é a alma do Fluminense Foot-Ball Club e consequentemente o mentor de sua marcha crescente. (FERNÁNDEZ, 2011, p. 123).

Ainda assim, o fato é que julgamos ter encontrado nos textos de dois memorialistas os elementos necessários e imprescindíveis para compreensão do “estilo” de Arnaldo Guinle à frente do tricolor. Às vésperas da final do campeonato de 1919, no estilo idílico, que lhe é habitual, o jornalista Mario Filho narra que Arnaldo Guinle, “o príncipe de Gales do Esporte Brasileiro” (FILHO, 2003), ia frequentemente treinar com os jogadores:

De manhã cedinho, no dormitório do Fluminense, na casa da Rua Guanabara, jogadores acordavam, iam para o campo, para fazer uma coisa que os jogadores dos outros clubes nunca tinham feito: individual. O Fluminense contratara Mr. Taylor para isso, para preparar fisicamente os jogadores. Arnaldo Guinle, presidente do clube, rico, milionário, muitas vezes, dava o exemplo. Acordava à mesma hora dos jogadores, tomava o seu Cunningham, todo branco, de molas macias, o assento de trás amplo, como um sofá acolchoado, chegando no Fluminense esperava que o *chauffeur*, de libré, enluvado, abrisse a porta do carro. Saltava, metia-se no meio dos jogadores. Fazendo o que eles faziam. Ginástica sueca, corridas a pé, passeios até lá em cima do morro cada um, Arnaldo Guinle inclusive, carregando o seu saco de areia. [...] Só Marcos de Mendonça não aparecia, de manhã, no campo do Fluminense, para o individual. Fazia a sua ginástica em casa, tinha o seu massagista particular. (FILHO, 2003, p. 163).

Não havia uma distinção rigorosa de estilo de vida dos jogadores e aquele do presidente; eles podiam misturar-se nos treinamentos, jogos, nas festas, porque, afinal, “eram os sujeitos privilegiados do novo jogo, compondo a distinta classe dos sportmen” (PEREIRA, 1999, p. 41). Segundo José Sérgio Leite Lopes, “os jogadores frequentavam os bailes do clube: o fato de se praticar regularmente o futebol era uma entre várias características de um modo de vida da elite” (LOPES, 2004, p. 127). O antropólogo observa ainda que, se de início o Fluminense era composto de jovens empresários, empregados de chefia das indústrias ou das grandes casas comerciais, filhos de pais ricos, educados na Europa ou descendente de

europeus (como é o caso do próprio Guinle, a partir do início da década de 1910), os clubes tiveram que recrutar, considerando a proliferação do futebol e o acréscimo de competitividade, a juventude e o tempo dos estudantes universitários, que compunham as agremiações de sucesso; as equipes do Botafogo de Futebol e Regatas e do América Futebol Clube eram compostas quase todas por estudantes universitários, enquanto a equipe do Flamengo era recrutada na Faculdade de Medicina (LOPES, 2004, p. 127). Por isso, Arnaldo Guinle já não pode mais praticar o jogo, embora pudesse dar pontapés eventuais, já que as diferenças de classe não eram tão significativas assim. Também não eram as diferenças ideológicas: não havia uma linha demarcando os dirigentes, os jogadores e os associados: eles faziam parte de um modelo de ser e de estar que forjava uma identidade de grupo de defensores da mesma ideologia do fair play e a defesa dos valores e do amadorismo.

A situação de identidade entre dirigentes e jogadores começa a ser esgarçada a partir da formação do mercado de bens simbólicos futebolísticos e da constituição do profissionalismo em meados dos anos 20. A partir do ingresso das classes populares no terreno esportivo constituem-se, de fato, interesses antagônicos entre os jogadores e os dirigentes, e não mais a identidade harmônica entre membros de uma mesma irmandade. Neste sentido, já em 1925, a figura de Arnaldo Guinle irá reaparecer de uma maneira completamente díspar noutro clássico do memorialismo futebolístico. No “livro-bomba” e clássico da historiografia do futebol brasileiro — Grandezas e misérias do nosso futebol, escrito por Floriano Peixoto — ele será evocado como o dirigente do “falso amadorismo”, pagando do próprio bolso uma promissória ao jogador (CORREA, 1933, pp. 67-68).

Monumento tricolor, as representações sobre Arnaldo Guinle nos permitem confabular que ele representasse o tipo ideal dos dirigentes tricolores: sóbrio, elegante, refinado. À antítese de Gilberto Cardoso, e seu ato simultaneamente trágico e triunfal de doação, as de Guinle, de caráter patrimonial, são feitas ao longo de muitos anos, implicando não paixão ou entrega, mas temperança, estabilidade: em síntese, o “equilíbrio moral e democrático” necessário para dar seguimento à “alma tricolor”. No interior dos clubes o que as estátuas de Gilberto Cardoso e Arnaldo Guinle dramatizam é a própria diferença simbólica entre o Flamengo e o Fluminense que é encenada, tematizando certos valores diretivos que, apesar da universalidade do dom, da dádiva e da honra, não são unívocos, mas cambiantes de um clube a outro, de um contexto ao outro.

No palco do clubismo, essa oposição entre a sobriedade e o excesso será uma vez mais dramatizada na segunda metade do decênio dos setenta, quando dois dirigentes ganhariam as manchetes dos principais jornais fluminenses: Francisco Horta e Márcio Braga. Se Arnaldo Guinle representava o modelo do “patrão-mecenas”, discreto, alheio aos dilemas da imprensa e dos jogadores, a juventude de Francisco Horta marca a passagem dos tempos. Ávido a opinar sobre todas as querelas e bagatelas do futebol-espetáculo, Horta será uma espécie de presidente-sorriso, ele próprio um personagem nos folhetins e na televisão cariocas. A partir do final dos setenta, como apontou o antropólogo Christian Bromberger (1995), as transformações do futebol espetáculo fizeram com que os dirigentes migrassem da “sombra à luz” (*“de l'ombre à lumière”*), que traduz fundamentalmente uma mudança da sociedade contemporânea em que parecer é ser. No novo estilo, pouco a pouco saem de cena a discrição, os presidentes que não se “misturam” com os jogadores, mantendo-se presos às torres de marfim que são as salas da presidência. Nesta nova era, o “presidente sorriso” organiza festas e recepções, discute valores dos craques, frequenta os vestiários, telefona para os jogadores, opina sobre esquemas táticos etc.

Notas

1 Esta ponte que investiga os rituais do clube-nação e certas maneiras de jogar não foi apenas aberta por Christian Bromberger. Certamente, o especialista em antropologia das sociedades mediterrâneas foi o primeiro a fazê-lo para pensar a relevância dos “estilos de direção” para compreender os dirigentes de futebol, mas valeria a pena citar o antropólogo argentino, radicado na Noruega, Eduardo Archetti (1999), que trabalhou com o tema da relação entre as representações do estilo de jogo “criollo” e a formação da nação argentina. No Brasil, é forçoso mencionar a tese de Luiz Henrique de Toledo (2002) e os trabalhos de Simoni Lahud Guedes (1977; 1998). Na sua tese de doutorado, Toledo cunhou o conceito de forma representação, tentando ver como o esquema tático de jogo (de um país ou de um time) se ligava ao imaginário local: creio que podemos sem grandes problemas nos valer dessa categoria para pensar também os estilos de direção.

2 “O clubismo aqui é analisado como trama social e cultural. Nada impede que se trate da dimensão simbólica como uma modalidade de totemismo moderno, com a ressalva já expressa de que esta não é a única possibilidade de abordá-lo. Em primeiro lugar, tratar o clubismo como um totemismo não é uma antropologia às avessas, pois não tem a pretensão de explicar o complexo pelo simples. O que está no cerne do totemismo é a ideia de um sistema classificatório, em que são estabelecidas relações diferenciadas e projeções articuladas em forma de sistema. A escolha dos totens, que certas sociedades fizeram recair sobre espécies animais, é uma arbitrariedade cultural, razão pela qual Durkheim descreveu o uso da bandeira na revolução francesa como uma modalidade de representação totêmica.” (DAMO, 2007, p. 51).

3 “Este sistema de oposições e de afinidades, que atravessa as três metrópoles industriais do Norte da Itália, não é apenas um sistema de reconstrução intelectual. Os torcedores têm uma consciência clara, reivindicando essa solidariedade no seio de uma rede de

alianças.” (BROMBERGER, 1992, p. 81).

4 A sede do Fluminense Futebol Clube, o Palácio Laranjeiras e o Copacabana Palace são alguns exemplos, entre outros, de palacetes construídos e financiados pela família.

5 “O primeiro grande empresário da ‘indústria esportiva’ carioca foi exatamente o presidente do Fluminense, Arnaldo Guinle, que dirigiu o clube de 1916 até 1931 e que também foi presidente da CBD, entre 1916 e 1920. Guinle percebeu a necessidade de colocar o Fluminense como um dos grandes clubes esportivos do mundo e confundiu a vida do Fluminense com a vida da CBD. Seu ponto principal para alavancar o Fluminense era o estádio, reformado e com maior capacidade de público, para poder abrigar competições internacionais de todos os esportes em que o clube estivesse envolvido” (MALAIA, 2010, p. 128). Apesar de concordar com a tese de Malaia que mostra a expansão e a ampliação do campo esportivo carioca, acredito que a palavra “empresário” talvez seja forte e mesmo incorreta se aplicada a este tipo de dirigente, já que o sentido atribuído à prática difere muito do mercantil, do empresarial, como venho tentando mostrar.

Referências bibliográficas

- A LOCOMOTIVA: a vida de Eurico Miranda. Direção: Mílton Alencar Júnior. Filme (58 minutos), 2009.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARCHETTI, Eduardo. **Masculinities: football, polo and tango in Argentina**. Oslo: Berg, 1999.
- BROMBERGER, Christian. “Le rouge et le noir: un derby turbinois”. In: **Actes de la recherche en Sciences Sociales**. Paris, v. 103, n. 103, pp. 79-89, 1992.
- BROMBERGER, Christian. **Le match du football: ethnologie d'une passion partisaine à Naples, Marseille et Turin**. Paris: Edition de les Maison de la Science d'Homme, 1995.
- BROMBERGER, Christian. **Football, la bagatelle plus sérieuse du monde**. Paris: Bayard, 1998.

- CARDOSO, Gilberto. [Discurso de Gilberto Cardoso no aniversário de sessenta anos do Flamengo]. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 15 nov. 1955.
- CORREA, Floriano P. **Grandezas e misérias do nosso futebol**. Rio de Janeiro: Flores e Mano, 1933.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAMO, Arlei. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de futebolistas no Brasil e na França**, 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DAMO, Arlei. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas profissionais no Brasil e na França**. Porto Alegre: Rotschild & Editoras, 2007.
- FERNÁNDEZ, Renato Lanna. **Fluminense Foot-Ball Club: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)**, 2011. Dissertação – (Mestrado em História e Bens Culturais). Centro de Pesquisa e Documentação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2011.
- FILHO, Mário Rodrigues. **Histórias do Flamengo**. Rio de Janeiro: Record, 1967.
- FILHO, Mário Rodrigues. **O negro no futebol brasileiro**. São Paulo: Mauad, 2003.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GODIO, Matías. **Somos todos hombres de platea: a sociedade dos dirigentes de futebol e as formas experimentais do poder e da política no futebol Argentino**, 2010. Tese – (Doutorado em Antropologia Social). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- GUEDES, Simoni Lahud. **Futebol Brasileiro: instituição zero**, 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.
- GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre o significado do futebol brasileiro**. Niterói: EdUFF, 1998.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol:**
- modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.
- HORTA, Francisco. Entrevista cedida a Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha. Rio de Janeiro, 2010. Acervo pessoal.
- HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. **Sobre o sacrifício: ensaio sobre a natureza e a função social do sacrifício**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 11 nov. 1955.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. "A estrutura dos mitos". In: _____. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. pp. 221-249.
- LOPES, José Sérgio Leite. "Classe, cor e etnicidade na formação do futebol brasileiro". In: BATALHA, Cláudio et al (Orgs.). **Culturas de Classe**. Campinas: UNICAMP, 2004.
- MALAIA, João Manuel Casquinha. **Revolução vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção socioeconômica dos negros e dos portugueses na cidade do Rio de Janeiro**, 2010. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas". In: _____. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. pp. 182-315.
- NEEDELL, Jeffrey. **Belle époque tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NORA, Pierre. "Between memory and history: les lieux of memoire". In: HUNT, Lynn; REVEL, Jacques (Orgs.). **Histories: French Construction of the past**. New York: The New Press, 1995. pp. 631-643.
- PEREIRA, Leonardo Affonso Miranda de. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **A outra razão: os presidentes de futebol entre práticas e representações**, 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
- RODRIGUES, José. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas da história.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SANGLARD, Gisele. **Entre os salões e o laboratório:** Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro: anos 20-40. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol.** São Paulo: HUCITEC, 2002.

Recebido em: 09/06/2020

Aprovado em: 20/07/2020